

**AS TRILHAS DA ALFABETIZAÇÃO TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS NA  
FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES**

**THE TRADITIONAL AND CONTEMPORARY LITERACY TRAILS IN THE  
FORMATION OF READERS AND WRITERS**

Eliane Santos Silva Oliveira\*

**RESUMO**

Este artigo analisa como abordagens tradicionais e contemporâneas de alfabetização afetam a aprendizagem da leitura e escrita. O estudo utiliza uma abordagem qualitativa e indutiva, revisa a literatura relevante ao tema. O texto está organizado em seções que exploram as abordagens pedagógicas, percepções dos educadores, desafios e estratégias. Examinou-se que as abordagens tradicionais de alfabetização, se localizam nas práticas convencionais que têm sido utilizadas há muito tempo no processo de ensino da leitura e escrita. Isso nos permitiu reconhecer os pontos fortes e as limitações dessas abordagens tradicionais, destacando a necessidade de explorar novos caminhos.

Palavras-chave: Alfabetização; Abordagens pedagógicas; Aprendizagem.

**ABSTRACT**

This article looks at how traditional and contemporary approaches to literacy affect learning to read and write. The study uses a qualitative and inductive approach, reviewing the literature relevant to the subject. The text is organized into sections that explore pedagogical approaches, educators' perceptions, challenges, and strategies. It was examined that the traditional approaches to literacy are located in the conventional practices that have been used for a long time in the process of teaching reading and writing. This allowed us to recognize the strengths and limitations of these traditional approaches, highlighting the need to explore new avenues.

Keywords: Literacy; Pedagogical approaches; Apprenticeship.

**1. INTRODUÇÃO**

O texto intitulado de As Trilhas da Alfabetização Tradicionais e Contemporâneas na Formação de Leitores e Escritores, adentraremos nas abordagens pedagógicas clássicas e modernas, analisando como essas influenciam o processo de aprendizagem. As provocações iniciais para a realização deste trabalho a pergunta: como as abordagens tradicionais e contemporâneas de alfabetização afetam a aprendizagem da leitura e escrita pelos alunos? Dela elaborou-se o objetivo do trabalho foi investigar como as abordagens tradicionais e

\*Eliane Santos Silva Oliveira - Mestranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales.- e-mail: [esantossilva777@gmail.com](mailto:esantossilva777@gmail.com)

contemporâneas de alfabetização influenciam o processo de aprendizagem da leitura e escrita pelos alunos.

Elaboração do texto foi justificada na relevância e atualidade do tema da alfabetização escolar e suas implicações no contexto educacional. Freire (1970) e Vygotsky (1978) destacam a importância do processo de alfabetização na construção do conhecimento e desenvolvimento humano, enfatizando a necessidade de práticas educativas inclusivas e contextualizadas. Nesse sentido, pesquisas de Soares (2004) e Ferreiro (1999) têm demonstrado a influência das abordagens pedagógicas na aprendizagem da leitura e escrita pelos alunos, ressaltando a importância de métodos flexíveis e adaptados aos diferentes perfis de estudantes.

A diversidade de práticas de alfabetização tem sido discutida por autores como Kleiman (2005) e Morais (1994), que apontam para a necessidade de considerar as características individuais e os contextos socioeconômicos dos alunos, visando promover uma educação mais inclusiva e equitativa. Além disso, pesquisas de Cavalcanti (2012) e Alves (2017) têm explorado os desafios enfrentados pelos educadores na implementação de práticas plurais na alfabetização escolar, apontando para obstáculos como resistência institucional e falta de recursos.

O método usado é indutivo. Este permite a descoberta e o desenvolvimento de padrões, temas a partir dos dados coletados. A abordagem indutiva é apropriada para explorar a complexidade das práticas de alfabetização e entender como elas impactam a aprendizagem, conforme sugerido por Creswell (2013).

O enfoque na abordagem é qualitativo, com o intuito de compreender profundamente os aspectos investigados. A análise qualitativa permite explorar a complexidade das práticas de alfabetização e identificar nuances, de acordo com autores como Bogdan e Biklen (1994) e Merriam (1998).

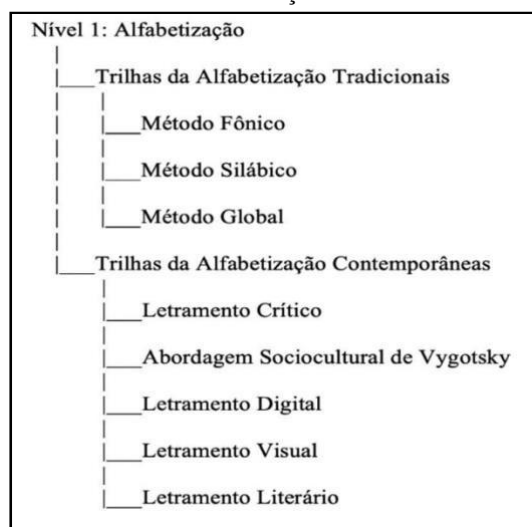
A revisão da literatura foi conduzida no entendimento das abordagens de alfabetização, influências na aprendizagem e desafios educacionais, baseada nos trabalhos de Soares (2004), Kleiman (2005) e Morais (1994), entre outros. A coleta de dados foi o levantamento de literatura e documental.

A partir da literatura compreendeu-se as percepções que educadores podem ter sobre as abordagens de alfabetização, práticas utilizadas, desafios enfrentados e estratégias adotadas.

A jornada da alfabetização abrange trilhas tradicionais e contemporâneas, cada uma moldando o caminho para a formação de leitores e escritores. Na abordagem tradicional, o método fônico concentra-se na conexão entre sons e letras, o método silábico destaca a formação de palavras por sílabas, e o método global introduz a leitura de palavras em contextos completos. Contrastando com isso, a trilha contemporânea traz perspectivas dinâmicas.

O letramento crítico incentiva análises profundas de textos, enquanto a abordagem de Vygotsky (1978) realça a colaboração social e cultural no aprendizado. O letramento digital reflete a era moderna, ensinando a compreender e criar conteúdo online, e o letramento visual reconhece a importância das imagens. Por fim, o letramento literário celebra a literatura como arte. Veja-se as possíveis trilhas.

Organograma 1 - Trilhas da Alfabetização Tradicionais e Contemporâneas



Fonte: Vygotsky (1978). Organizado pela autora (2023)

Essas trilhas convergem em enriquecer a jornada da alfabetização, adaptando-se a contextos variados e abordando a ampla gama de habilidades necessárias para leitura e escrita. Com raízes em métodos tradicionais, as abordagens contemporâneas respondem às demandas da sociedade atual, abraçando interações culturais e tecnológicas. A fusão dessas trilhas constrói leitores e escritores completos, capazes não apenas de decodificar palavras, mas de compreender criticamente e se expressar em um mundo em constante evolução. A seguir a exposição das abordagens.

### 1.1 abordagens tradicionais de alfabetização

As abordagens tradicionais de alfabetização referem-se a métodos de ensino que têm sido amplamente adotados ao longo da história, com ênfase no ensino da leitura e escrita como habilidades isoladas. Essas abordagens se baseiam em uma hierarquia de autoridade, com o professor como detentor do conhecimento e o aluno como receptor passivo. O uso de livros didáticos e materiais instrucionais padronizados também é uma característica comum dessas abordagens.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991), ressaltam que as abordagens tradicionais têm limitações e podem ser prejudiciais para o aprendizado efetivo da leitura e escrita. Por isso, é importante examinar e compreender essas abordagens, a fim de desenvolver métodos mais

eficazes e inclusivos de alfabetização. Nessa perspectiva tem-se nas abordagens tradicionais de alfabetização, os métodos predominantes são baseados no ensino direto e na memorização. Segundo Paulo Freire, a abordagem bancária característica dessas práticas considera o aluno como um recipiente a ser preenchido com conhecimentos, ignorando suas experiências individuais e capacidade de construir o próprio conhecimento. (Brighente; Mesquida, 2016).

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991) abriram um novo caminho na compreensão do processo de alfabetização ao questionar as abordagens tradicionais que dominavam o cenário educacional. Eles ressaltaram que essas abordagens apresentam limitações significativas e podem, de fato, prejudicar o aprendizado efetivo da leitura e escrita. A compreensão dessas limitações é crucial para a busca de métodos mais eficazes e inclusivos de alfabetização.

As abordagens tradicionais, historicamente, têm se baseado em métodos de ensino direto e memorização. Elas se concentram na transmissão unilateral de conhecimento, onde o professor é o detentor absoluto do saber, e os alunos são considerados meros receptáculos a serem preenchidos com informações. Essa abordagem, como apontou Paulo Freire, é uma representação clara do que ele chamou de "educação bancária". Nesse modelo, o aluno é percebido como um depósito passivo que não contribui para a construção do conhecimento, ignorando suas experiências individuais e a capacidade intrínseca de contribuir para a própria aprendizagem (Saul; Saul, 2016).

Ferreiro; Teberosky; Lichtenstein (1996) destacaram a importância de considerar a construção ativa do conhecimento pelas crianças. Sua pesquisa revolucionou a compreensão da aquisição da linguagem escrita, ao mostrar que as crianças não são tabulas rasas a serem preenchidas, mas sim seres ativos que desenvolvem hipóteses sobre o funcionamento da escrita com base em suas interações com o ambiente. Isso levou ao desenvolvimento da teoria construtivista da alfabetização, na qual as crianças constroem gradualmente uma compreensão da língua escrita por meio da exploração e experimentação.

Neste sentido, considera-se que a abordagem construtivista valoriza a interação social e a construção de significados. Ela se alinha com a perspectiva de Paulo Freire sobre a importância da educação como prática de liberdade, na qual os alunos são incentivados a questionar, refletir criticamente e contribuir ativamente para o processo de aprendizado. Nesse sentido, a pedagogia construtivista reconhece a necessidade de adaptar as estratégias de ensino às necessidades individuais dos alunos, considerando seus diferentes estilos de aprendizado e contextos socioeconômicos.

Assim, a reflexão sobre as limitações das abordagens tradicionais de alfabetização e a adoção de práticas mais inclusivas e construtivistas são essenciais para promover um

aprendizado eficaz e significativo. A visão de que os alunos são atores ativos na construção do conhecimento, como proposto por Ferreiro; Teberosky (1960) e Paulo Freire (1970), ilustra a necessidade de evoluir além das práticas bancárias e criar ambientes educacionais nos quais todos os alunos possam florescer e contribuir para a construção do saber.

Isso posto, considera-se que as abordagens tradicionais de alfabetização têm sido criticadas por sua natureza unidirecional e foco na memorização. A abordagem construtivista, fundamentada na ativa participação dos alunos e na construção coletiva do conhecimento, emerge como uma alternativa mais eficaz e inclusiva. O entendimento das limitações das abordagens tradicionais e a incorporação de princípios construtivistas no ensino são passos vitais em direção a uma educação mais enriquecedora e equitativa.

A literatura aponta os modelos de autoridade e controle sobre a alfabetização. Isto no âmbito dentro de abordagens tradicionais, em que a relação professor-aluno é caracterizada por uma hierarquia de autoridade, na qual o professor detém o conhecimento e o aluno é visto como passivo (Silva Assumpção; Ventura Amorim da Costa Santos, 2017). As críticas a esse modelo autoritário são constantes, o que permite inferir que o aprendizado significativo só ocorre quando os alunos são ativos na construção do conhecimento.

Está-se diante de um desafio do modelo de autoridade e controle na alfabetização, em que a educação é um campo em constante evolução, e a compreensão das dinâmicas de autoridade e controle desempenha um papel fundamental na eficácia das práticas educacionais, especialmente no contexto da alfabetização. Dentro das abordagens tradicionais de ensino, a relação entre professor e aluno é muitas vezes caracterizada por uma hierarquia rígida de autoridade. No entanto, a literatura educacional brasileira tem consistentemente apontado as limitações desse modelo, destacando a necessidade de uma abordagem mais participativa e centrada no aluno para promover o aprendizado significativo.

As abordagens tradicionais de alfabetização historicamente têm se apoiado em um modelo de autoridade e controle, no qual o professor desempenha um papel central como detentor exclusivo do conhecimento. Essa abordagem pressupõe que o aluno é um receptor passivo de informações, com pouca margem para contribuir ativamente no processo de aprendizado. Silva Assumpção e Ventura Amorim Da Costa Santos (2017) destacam como essa hierarquia de autoridade pode inibir o envolvimento ativo dos alunos e limitar o desenvolvimento de suas habilidades críticas e criativas.

Essa abordagem autoritária tem sido criticada por muitos educadores e pesquisadores, pois não apenas diminui o papel do aluno no processo de aprendizado, mas também pode resultar em desinteresse, falta de motivação e alienação por parte dos estudantes. Ao serem

posicionados como receptores passivos, os alunos podem se sentir desconectados do conteúdo e desestimulados a se envolverem de forma profunda e reflexiva. Isso levanta questionamentos sobre a real eficácia da aprendizagem nesse contexto.

Em contraposição a essa abordagem, emerge a necessidade de uma mudança no paradigma educacional, em direção a modelos mais participativos e centrados no aluno. Autores brasileiros como Paulo Freire, amplamente conhecido por sua teoria da educação crítica, têm enfatizado a importância de uma educação que promova a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento. Freire defende a ideia de que a educação deve ser um ato de liberdade, no qual os alunos não são apenas receptores passivos, mas sim coautores do processo de aprendizado (Freire, 1987).

Lev Vygotsky, em 1978, já ressaltava a relevância da interação social na aprendizagem, uma dimensão frequentemente negligenciada pelas abordagens tradicionais. Além disso, a avaliação tradicional, focada em memorização e repetição, tem sido objeto de críticas, o que torna necessário repensar as práticas avaliativas.

A ausência de interação aluno-aluno e aluno-professor pode prejudicar o desenvolvimento das habilidades comunicativas e colaborativas. Autores brasileiros como Silva e Assumpção, bem como Ventura Amorim da Costa Santos (2017), apontam para essa deficiência nas abordagens tradicionais de ensino. A falta de intercâmbio ativo de ideias e opiniões pode impactar negativamente a capacidade dos alunos de se expressarem, argumentarem e negociarem significados. Essas habilidades não apenas são fundamentais para a alfabetização eficaz, mas também para a participação plena na sociedade.

O desafio da interação social na alfabetização não se limita apenas à sala de aula, mas também se estende ao ambiente virtual, onde a tecnologia desempenha um papel crescente na educação. Autores como Kenski (2003) discutem como a interação mediada por tecnologia pode complementar e enriquecer a aprendizagem, desde que seja cuidadosamente planejada para promover o engajamento e a colaboração entre os alunos.

Portanto, os debates em torno da interação social e da avaliação na alfabetização têm sido centrais nas discussões educacionais brasileiras. Vê-se que em Vygotsky (1978) e Araújo (1997) já se tinha noções valiosas para repensar as práticas pedagógicas e avaliativas. A promoção da interação social ativa entre os alunos e a adoção de métodos de avaliação mais abrangentes e autênticos são passos essenciais para proporcionar uma educação mais eficaz, envolvente e significativa para todos os alunos.

As teorias de Vygotsky (1978), Piaget (2003) e Freire (1970), aliadas a outras perspectivas educacionais brasileiras, destacam a incompatibilidade entre as abordagens

tradicionais e os princípios construtivistas e críticos. A interação social, a construção ativa do conhecimento e o pensamento crítico são elementos-chave que não encontram espaço nas práticas educacionais tradicionais. A transformação da educação requer uma mudança profunda, na qual os alunos se tornem protagonistas ativos de seu próprio aprendizado e sejam preparados para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo.

Estas percepções promoveram uma evolução e mudanças nas abordagens, isto se situa ao longo do tempo, em que as abordagens tradicionais têm sido contestadas. Surgiram tendências que integram elementos mais progressistas, como a incorporação de atividades de leitura e escrita contextualizadas e o uso de materiais diversificados. As abordagens tradicionais estão cada vez mais abertas às contribuições de teorias educacionais contemporâneas.

Nessa perspectiva as críticas e limitações das abordagens tradicionais tem sido alvo de críticas sobre a alfabetização. Essas abordagens limitam o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e criatividade, uma vez que o foco está na memorização e na reprodução de informações. Além disso, essas abordagens não preparam adequadamente os alunos para os desafios do mundo contemporâneo, que são cada vez mais complexos e exigem habilidades socioemocionais e de resolução de problemas.

Quadro 1 - Comparação entre as abordagens

Aspectos Comparativos	Abordagens Tradicionais	Construtivismo e Pedagogia Crítica
Ênfase na Aprendizagem	Foco na memorização e repetição como forma principal de aprendizado.	Ênfase na construção ativa do conhecimento pelos alunos e na participação ativa.
Interatividade	Limitação na interação social entre alunos e entre alunos e professores.	Forte ênfase na interação social, mediação do professor e colaboração entre os alunos.
Papel do Professor	Professor como detentor do conhecimento, transmitindo informações de maneira unilateral.	Professor atua como mediador, facilitador e Co aprendiz, promovendo discussões e investigações.
Papel do Aluno	Aluno passivo, receptor de informações.	Aluno ativo, construtor do próprio conhecimento, participando ativamente na construção e aplicação do saber.
Avaliação	Avaliação baseada em testes de memorização e repetição.	Avaliação autêntica, que valoriza a compreensão profunda, a aplicação do conhecimento e o pensamento crítico.
Enfoque na Diversidade	Pode desfavorecer alunos com diferentes estilos de aprendizagem e inteligências.	Valoriza a diversidade de inteligências, estilos de aprendizagem e necessidades individuais dos alunos.
Pensamento Crítico	Pouco espaço para o desenvolvimento do pensamento crítico.	Incentiva o pensamento crítico, a reflexão sobre a realidade e a ação transformadora.

Conexão com a Realidade	Pouca ênfase na aplicação prática do conhecimento à realidade.	Busca conectar o aprendizado à vida real, incentivando a aplicação do conhecimento em contextos reais.
Autonomia do Aluno	Baixa autonomia do aluno no processo de aprendizado.	Valoriza a autonomia do aluno, permitindo que ele tome decisões sobre sua própria aprendizagem.
Preparação para a Vida	Preparação voltada para a transmissão de informações.	Preparação voltada para o desenvolvimento integral, cidadania ativa e enfrentamento de desafios sociais.

Fonte: Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991), (Salles, 2005). Lev Vygotsky (1978); Kenski (2003); Howard Gardner (2011),

O quadro comparativo acima destaca as principais diferenças entre a abordagem tradicional e a perspectiva pedagógica construtivista/crítica. Enquanto as abordagens tradicionais tendem a priorizar a transmissão do conhecimento, a passividade dos alunos e a avaliação mecanicista, as perspectivas construtivistas e críticas priorizam a construção ativa do conhecimento, interação social, pensamento crítico e conexão com a realidade. Essas diferenças são essenciais para a compreensão da evolução necessária na educação contemporânea para preparar os alunos para os desafios complexos e diversos do mundo atual.

## 1.2. Abordagens contemporâneas de alfabetização

Nesta seção explora-se as abordagens contemporâneas de Alfabetização, tentando expor as noções trabalhadas por alguns autores, dentre eles: Morais (1997; 1994), Ferreiro (1985; 2017), Vygotsky (1978), Kleiman (2000; 2005), Chartier (1990), Libâneo (1994), Freire (1997; 2013; 2014), Soares (2004; 2018), e logicamente, sem a pretensão de esgotar a revisão desta perspectiva de alfabetização.

Sabe-se que no cenário educacional contemporâneo, a alfabetização deixou de ser encarada como um processo meramente técnico e mecânico, e passou a ser compreendida como um ato complexo, intrincado com questões sociais, culturais e cognitivas. A literatura tem sido alimentada por contribuições significativas que indicam uma evolução das abordagens de alfabetização. Nelas encontram-se novas perspectivas e reflexões que valorizam a diversidade de contextos e experiências. Entre os autores que tem debatido essa perspectiva tem-se Morais, Ferreiro, Vygotsky, Kleiman, Chartier, Libâneo, Freire e Soares. Eles têm desempenhado papéis fundamentais na formulação de abordagens contemporâneas de alfabetização.

Emília Ferreiro (1985; 2017), figura de destaque na pesquisa em psicogênese da língua escrita, enfatiza a importância de compreender a lógica da criança na construção da escrita. Seu



trabalho revolucionou a forma como vemos o processo de alfabetização, demonstrando que a criança constrói hipóteses próprias sobre a escrita, baseadas em sua compreensão do sistema alfabético.

Para Andrade, P; Andrade, O; Prado (2017) acompanham a perspectiva de que a psicogênese da língua escrita é um tema de grande relevância para a educação, uma vez que a aquisição da leitura e da escrita é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Eles analisam de modo crítico as teorias e métodos de alfabetização utilizados nas escolas. Assim, encontram na abordagem construtivista de Jean Piaget (2003), que defende a ideia de que o conhecimento é construído a partir da interação do sujeito com o meio ambiente. Para Piaget, a criança passa por diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo, nos quais ela constrói seu conhecimento de forma ativa e autônoma. Essa abordagem é fundamental para entender a psicogênese da língua escrita, uma vez que a aquisição da leitura e da escrita é um processo que envolve a construção de conceitos e a compreensão das relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita. (Sisto, 2016).

Em contraposição aos métodos tradicionais de alfabetização, que enfatizam as correspondências entre as letras e os sons da língua, Ferreiro e Teberosky (1984) propuseram uma abordagem mais ampla e contextualizada, que leva em conta as diferentes formas de uso da linguagem escrita na sociedade. Essa abordagem, conhecida como Whole Language, defende a ideia de que a leitura e a escrita devem ser ensinadas de forma integrada, a partir de situações reais de comunicação.

Abordagem explicitado a seguir:

Quadro 2 - Abordagem whole language

Aspectos da Abordagem Whole Language	D e s c r i ç ã o
Base Teórica	Fundamentada nas ideias de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a abordagem Whole Language reconhece a linguagem escrita como uma ferramenta social e cultural, valorizando a aprendizagem contextualizada e a compreensão do uso da linguagem na sociedade.
Integração Leitura e Escrita	A abordagem enfatiza a importância de ensinar a leitura e a escrita de forma integrada, em vez de abordá-las como habilidades isoladas. Isso permite que os alunos percebam as interconexões entre essas duas habilidades e compreendam como a escrita é usada para comunicar ideias.

Contextualização	A contextualização é uma pedra angular da abordagem Whole Language. Os alunos são imersos em situações reais de comunicação, nas quais a leitura e a escrita têm um propósito autêntico. Isso envolve a exploração de textos diversos, como livros, revistas, jornais e materiais do dia a dia.
Construção de Significado	A ênfase recai na construção de significado a partir da interação com textos. Os alunos são incentivados a interpretar, questionar e refletir sobre o que estão lendo, buscando conexões com suas próprias experiências e conhecimentos.
Participação Ativa	Os alunos são vistos como participantes ativos na construção do conhecimento. Eles são encorajados a expressar suas ideias por meio da escrita, desenvolvendo sua voz e se envolvendo em discussões significativas.
Desenvolvimento da Linguagem	A abordagem Whole Language reconhece que a linguagem escrita não se limita a um conjunto de regras gramaticais, mas envolve o uso vivo da linguagem. O foco está em desenvolver a competência comunicativa, incluindo aspectos gramaticais, vocabulário e pragmática.
Variedade de Textos	Os alunos são expostos a uma variedade de textos autênticos, que refletem diferentes gêneros, estilos e finalidades. Isso permite que eles compreendam a diversidade da linguagem escrita e a adaptem conforme a situação.
Papel do Educador	O educador atua como facilitador, criando um ambiente de aprendizagem estimulante e desafiador. Ele seleciona materiais relevantes, propõe atividades significativas e apoia os alunos em suas explorações de leitura e escrita.
Avaliação Autêntica	A avaliação na abordagem Whole Language valoriza a compreensão e o uso funcional da linguagem escrita. Os alunos são avaliados por sua capacidade de aplicar a leitura e a escrita em situações reais, em vez de focar exclusivamente em testes de memorização.
Desenvolvimento de Habilidades Críticas	Através da análise crítica de textos e discussões, os alunos desenvolvem habilidades de pensamento crítico e senso crítico em relação ao conteúdo e à forma dos textos. Isso contribui para a formação de cidadãos informados e participativos.

Fonte: Ferreiro; Teberosky (1984), adaptado pela autora (2023)

A análise do quadro acima enfatiza a abordagem Whole Language no contexto das teorias contemporâneas de alfabetização. Essa perspectiva surge como uma resposta dinâmica e atualizada para o processo de alfabetização, destacando a importância de abordagens mais holísticas e contextualizadas. No âmbito das teorias contemporâneas, a abordagem Whole Language se destaca por vários aspectos inovadores e alinhados com as necessidades educacionais atuais.

A separação rígida entre a leitura e a escrita é cada vez mais desafiada, pois a abordagem Whole Language reconhece essa interconexão e enfatiza que essas habilidades devem ser ensinadas de forma integrada. Isso reflete uma compreensão mais realista e eficaz da natureza da linguagem escrita, que é utilizada de maneira interdependente nas práticas comunicativas.

As teorias contemporâneas reconhecem a importância da aprendizagem contextualizada, em que os alunos são imersos em situações autênticas de uso da linguagem. A abordagem Whole Language alinha-se a essa tendência, promovendo a imersão dos alunos em contextos reais de

comunicação. Isso ajuda a dar significado à aprendizagem, permitindo que os alunos vejam o propósito prático e a aplicabilidade da leitura e escrita em suas vidas.

A visão contemporânea da alfabetização reconhece a importância do desenvolvimento holístico da linguagem, incluindo aspectos gramaticais, vocabulário e pragmática. Isso reforça essa visão ao expor os alunos a uma variedade de textos autênticos, que refletem diferentes estilos e finalidades. Assim, enriquece a compreensão dos alunos sobre as nuances da linguagem escrita.

Nisso, a ênfase na avaliação autêntica, que valoriza a aplicação funcional da leitura e escrita em contextos reais, está alinhada com as abordagens contemporâneas que buscam avaliar não apenas a memorização, mas também a aplicação do conhecimento em situações do mundo real. Isso destaca a importância de preparar os alunos para enfrentar desafios do mundo atual, onde a habilidade de usar a linguagem escrita em diversas situações é fundamental.

Nas compreensões de Magda Soares (2004; 2018), ela destaca a diferença entre alfabetização como aquisição do sistema alfabético e letramento como inserção nas práticas sociais da escrita. Essa perspectiva amplia nossa compreensão do processo, considerando as diferentes situações em que a leitura e a escrita são usadas.

Ser alfabetizado significa ser capaz de ler e escrever, ou seja, dominar o código alfabético-ortográfico. Já ser letrado implica em utilizar a linguagem de forma adequada e eficiente em diferentes contextos sociais, culturais e profissionais. Isso inclui não apenas a capacidade de ler e escrever, mas também de compreender e interpretar textos, produzir textos coerentes e coesos, argumentar de forma clara e persuasiva, entre outras habilidades (Silva, 2022).

Nesse sentido, o papel do professor é fundamental para garantir que os alunos tenham uma correta apropriação do sistema alfabético-ortográfico e possam desenvolver habilidades de leitura e escrita que lhes permitam utilizar a língua de forma consciente e prática em sua vida. Para tanto, é necessário que o professor alie os conceitos de letramento e alfabetização em sua prática de ensino na Educação Infantil.

Uma das formas de fazer isso é por meio de práticas pedagógicas que estimulem a leitura e a escrita de forma significativa e contextualizada. Isso significa que o professor deve buscar relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula com a realidade dos alunos, de forma a tornar o aprendizado mais interessante e motivador.

Além disso, é importante que o professor leve em consideração as diferentes formas de aprendizagem dos alunos, respeitando suas individualidades e buscando adaptar sua metodologia de ensino de acordo com as necessidades e características de cada um. Isso pode ser feito por meio de atividades diversificadas, que envolvam diferentes linguagens e recursos pedagógicos, como jogos, brincadeiras, músicas, vídeos, entre outros.

Outro aspecto importante é a formação continuada do professor, que deve estar sempre atualizado em relação às teorias e práticas pedagógicas mais recentes, bem como em relação às novas tecnologias e recursos didáticos disponíveis. Isso pode ser feito por meio de cursos de formação, participação em eventos e congressos, leitura de artigos e livros especializados, entre outras atividades (Silva, M. 2022).

É importante que o professor esteja atento às diferentes perspectivas da linguagem, conforme apresentadas por autores como Geraldi (2006), Koch (2018) e Travaglia (1995). Isso significa compreender que a linguagem não é apenas um conjunto de regras gramaticais, mas sim um fenômeno social e cultural, que está em constante transformação e adaptação às diferentes situações de comunicação.

É importante destacar que a alfabetização e o letramento devem ser trabalhados de forma conjunta e contínua, de modo a complementar e dar condições aos alunos de não apenas decodificar as palavras, mas também compreendê-las e significá-las. Para isso, é fundamental que esses processos sejam integrados desde os primeiros anos da educação formal, de forma que sejam uma experiência prazerosa e cativadora para as crianças.

Para Silva, M (2022) a alfabetização e o letramento são conceitos fundamentais para a compreensão da linguagem e sua utilização consciente e prática na vida cotidiana. O papel do professor é fundamental para garantir que os alunos tenham uma correta apropriação do sistema alfabético-ortográfico e possam desenvolver habilidades de leitura e escrita que lhes permitam utilizar a língua de forma consciente e prática em sua vida. Para tanto, é necessário que o professor alie os conceitos de letramento e alfabetização em sua prática de ensino na Educação Infantil, por meio de práticas pedagógicas que estimulem a leitura e a escrita de forma significativa e contextualizada, respeitando as individualidades dos alunos e buscando sempre se atualizar em relação às teorias e práticas pedagógicas mais recentes.

Sobre o tema da alfabetização e letramento, conforme Paulo Freire (1997; 2013; 2014), na abordagem a alfabetização está umbilicalmente ligada à reflexão crítica sobre a realidade, ponto de partida para a capacitar os alunos a questionar e transformar seu contexto social.

A Alfabetização e Letramento são como ferramentas de transformação social, e nisso reside a reflexões de Paulo Freire, nocenário educacional contemporâneo, a discussão sobre alfabetização e letramento vai além da aquisição técnica de habilidades de leitura e escrita. Ao lançar luz sobre a interseção entre a alfabetização e a reflexão crítica sobre a realidade, apontando para o papel fundamental da educação na transformação social, Freire (1997) enfatiza que a alfabetização não é simplesmente uma ferramenta para decodificar palavras, mas uma jornada para capacitar os alunos a questionar, analisar e transformar seu contexto social.

A visão de Freire também encontra ressonância na abordagem do letramento crítico proposta por Kleiman (1995). Ela enfatiza a importância de entender o letramento como uma

prática social, na qual os indivíduos não apenas decodificam textos, mas também os interpretam criticamente, reconhecendo as relações de poder e as vozes presentes nos discursos.

Além disso, Antônio Augusto Gomes Batista (2006) amplia a discussão ao explorar o papel da literatura na formação de leitores críticos. Ele argumenta que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para engajar os alunos em reflexões sobre questões sociais e éticas, promovendo uma compreensão mais profunda do mundo ao redor.

Esses autores, assim como Freire, sublinham a importância da alfabetização e do letramento como instrumentos de transformação social. Através da educação, os alunos são capacitados a se tornarem cidadãos conscientes, capazes de analisar criticamente sua realidade e agir de maneira a contribuir para a mudança social. A visão compartilhada por esses autores reforça a ideia de que a educação não é apenas uma ferramenta técnica, mas sim um poderoso meio de empoderamento e emancipação dos indivíduos e comunidades.

Nesse sentido, destaca-se que a interação social e a mediação como fatores essenciais no processo de aprendizagem, enfatizando que as interações com os outros desempenham um papel crucial na construção do conhecimento, incluindo a alfabetização (Vygotsky, 1978). A Influência global de Vygotsky na Educação, no que diz respeito a interação social e mediação no processo de aprendizagem na educação transcende fronteiras geográficas, ecoando tanto no Brasil quanto em todo o mundo. Embora não seja um autor brasileiro, suas contribuições têm moldado profundamente as práticas educacionais, especialmente no contexto da alfabetização. Nisso, ressalta-se a importância da interação social e da mediação como fatores fundamentais no processo de aprendizagem, destacando como as relações com os outros desempenham um papel crucial na construção do conhecimento em que a abordagem vygotskiana enfatiza que a aprendizagem é um processo social e colaborativo (Vygotsky, 1987).

Vasconcellos (2000), corroboram essa visão, enfatizando que o ambiente escolar deve ser um espaço de interações significativas, onde os alunos aprendem não apenas com o professor, mas também uns com os outros. A sala de aula se torna um cenário fértil para a troca de ideias, discussões e construção conjunta do conhecimento.

A partir dessa ideia tem-se a perspectiva de Luria (2001), outro renomado psicólogo, expande as ideias de Vygotsky ao explorar como a cultura influencia o desenvolvimento cognitivo. Ele ressalta a importância das práticas culturais compartilhadas na construção do conhecimento, argumentando que o aprendizado não ocorre em um vácuo, mas é moldado pelas influências sociais e culturais presentes no ambiente.

A abordagem sociocultural de Vygotsky também encontra eco na obra de Silva (1999), que destaca a relevância da mediação do professor no processo de aprendizagem. Segundo Silva, o professor exerce o papel de mediador, auxiliando os alunos a alcançarem níveis mais

avançados de compreensão e competência, uma ideia intrinsecamente alinhada com o conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky.

No Brasil, a influência de Vygotsky se reflete na Pedagogia Histórico-Cultural, que enfatiza a importância da cultura, da linguagem e das interações sociais na construção do conhecimento. Mortatti (2009), ao explorar a influência de Vygotsky na educação brasileira, ressalta como a teoria vygotskiana se encaixa na perspectiva de uma educação comprometida com a transformação social e a emancipação.

A presença duradoura de Vygotsky no campo da educação também é notável em autores internacionais, como Rogoff (1990), que enfatiza a aprendizagem como participação guiada em práticas culturais, e Wertsch (1998), que explora a relação entre a cultura, a mente e o desenvolvimento cognitivo.

Kleiman (2000; 2005), por sua vez, contribui para a discussão do letramento, considerando a relação entre práticas de leitura e escrita e a inserção social. Ela examina como o letramento é influenciado por contextos sociais e culturais, ampliando nossa compreensão da alfabetização para além das técnicas.

Assim, pode-se chamar de letramento como prática social, em que Kleiman (2000; 2005) na discussão sobre letramento, traz a compreensão da alfabetização, além das meras técnicas de leitura e escrita, isto relacionando práticas de leitura e escrita e a inserção social, promovendo uma visão mais ampla e contextualizada do processo educacional.

Por esse entendimento o domínio do letramento como uma prática social, se liga a linguagem escrita que desempenha um papel central na interação humana. Nisso pode-se argumentar que o letramento vai além da mera decodificação de palavras, envolve o uso da linguagem em situações cotidianas e diversos contextos comunicativos. (Soares, 2004; 2018).

Magda Becker Soares (2006), em suas reflexões sobre alfabetização e letramento, destaca que as práticas de leitura e escrita estão profundamente enraizadas em contextos sociais e culturais. Ela sublinha a importância de entender o letramento como um fenômeno dinâmico, influenciado por fatores sociais, tecnológicos e econômicos.

Além disso, Vian; Rojo (2020) explora a relação entre letramento e mídia, destacando como as tecnologias modernas influenciam nossas práticas de leitura e escrita, conectando-se com a perspectiva de Kleiman sobre a influência do contexto. A visão de Kleiman (2000), também se conecta à abordagem sociocultural de Vygotsky (1978), que enfatiza a interação social e a influência do meio ambiente no desenvolvimento humano. A noção de zona de desenvolvimento proximal, introduzida por Vygotsky, sugere que o aprendizado ocorre de maneira mais eficaz quando os alunos estão engajados em atividades colaborativas com pessoas

mais experientes. Isso ressoa com a perspectiva de Kleiman sobre a importância da inserção social no letramento.

Em um mundo em constante evolução, percebe-se na literatura que a alfabetização não pode ser dissociada de sua função social e cultural. O letramento não se limita ao ato de decodificar letras e palavras, mas envolve o entendimento das práticas discursivas e dos contextos em que a linguagem escrita é usada. Ao considerar o letramento como uma prática social, abrimos portas para uma educação mais inclusiva e contextualizada, preparando os alunos para enfrentarem os desafios do mundo contemporâneo de maneira crítica e eficaz.

Chartier (1990), explorou a história da leitura e da escrita. A partir dela, ele mostrou como essas práticas evoluem ao longo do tempo e como diferentes culturas e isso implica na alfabetização. O que se tem é uma espécie de evolução da leitura e da escrita. E, que oferece uma visão rica e multifacetada do papel da escrita e da leitura na sociedade humana.

Nessa abordagem, encontra-se a relação da histórica e cultura contextualizada da alfabetização. Maryanne Wolf; Potter (2018), em sua obra "Reader, Come Home", expande essa perspectiva, explorando como a evolução das práticas de leitura influenciou o funcionamento do cérebro humano. Ela nos lembra que, em um mundo cada vez mais digital, nossos processos de leitura estão em constante transformação.

A perspectiva de Chartier (1990), também encontra ressonância em autores como Brian Street (2003), que examina a alfabetização como uma prática culturalmente situada. Ele destaca que as habilidades de leitura e escrita não são universais, mas moldadas pelas normas e valores de cada sociedade.

A relação entre leitura, escrita e poder, alinha-se com a abordagem de Chartier (1990), sobre como a alfabetização é influenciada por questões sociais e políticas. O argumento é que a capacidade de ler e escrever não é apenas uma competência técnica, mas também um meio de expressão e resistência.

A obra de Chartier (1990), se entrelaça com as teorias socioculturais de Vygotsky (1978) e Bakhtin (1981), que destacam a influência do contexto social na construção do significado e do conhecimento. Através dessas lentes, compreendemos que a alfabetização não é apenas uma habilidade individual, mas um fenômeno profundamente enraizado em interações sociais e culturais.

Nesse contexto, Paulo Freire (1970) se assemelha a essa discussão ao enfatizar a importância da alfabetização crítica. Ele argumenta que a alfabetização não é apenas a aquisição de habilidades técnicas, mas também uma ferramenta para a conscientização e transformação social. Suas ideias dialogam com a noção de que a alfabetização, como explorada por

Chartier (1990), não é apenas sobre ler e escrever, mas também sobre compreender o mundo e participar ativamente dele.

Assim, a história da leitura e da escrita oferece uma janela para a compreensão das práticas de alfabetização ao longo dos séculos e em diversas culturas. Neste sentido, deve-se explorar as dimensões culturais, sociais e políticas da alfabetização, reforçando a ideia de que a leitura e a escrita são mais do que simples habilidades técnicas - são reflexos da complexa tapeçaria da sociedade humana.

Neste entendimento, Libâneo (1994) destaca a importância do contexto educacional como um todo, discutindo como a alfabetização deve ser integrada a uma abordagem mais ampla de ensino, considerando os aspectos sociais, emocionais e cognitivos dos alunos. Este autor, lança um olhar profundo sobre a alfabetização no contexto educacional, ressaltando que ela não pode ser vista de forma isolada, mas deve ser abordada de maneira integrada a uma perspectiva mais ampla de ensino. Sua análise enfatiza a importância de considerar os aspectos sociais, emocionais e cognitivos dos alunos na prática de alfabetização.

No cerne das ideias de Libâneo (1994), emerge a visão de que a alfabetização não é apenas o domínio de habilidades de leitura e escrita, mas uma parte intrínseca de um processo educacional abrangente. Zilma Ramos de Oliveira (2003) caminha nessa visão, onde a alfabetização deve estar conectada com os objetivos mais amplos da educação, como o desenvolvimento da cidadania e a formação de indivíduos críticos e reflexivos.

A perspectiva de Libâneo encontra repercute a abordagem socioconstrutivista de Vygotsky (1978), que enfatiza a importância da interação social e da mediação no processo de aprendizagem. Isso reforça essa ideia de que a interação entre pares pode enriquecer a alfabetização, proporcionando oportunidades para a troca de conhecimento e experiências.

A importância do contexto educacional também é sublinhada por Jean Piaget (1976), que enfatiza a necessidade de considerar o estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos ao projetar estratégias de ensino, conectando-se com a abordagem de Libâneo sobre a relevância dos aspectos cognitivos.

Além disso, Emília Ferreiro (1985; 2017) contribui para a discussão ao explorar o processo de construção da escrita pelas crianças. Seu trabalho se encaixa na perspectiva de que a alfabetização não deve ser uma transmissão passiva de informações, mas sim uma jornada ativa de descoberta e construção do conhecimento.

Novamente, Libâneo (1994) dialoga com as ideias de Paulo Freire (1997; 2013; 2014), que destaca a alfabetização como um ato de conscientização e empoderamento. Este



argumentava que a educação deve capacitar os alunos a compreenderem criticamente o mundo à sua volta.

A alfabetização como parte do contexto educacional reflete a compreensão de que a aprendizagem não ocorre em compartimentos estanques. Há conexão entre a alfabetização, o desenvolvimento cognitivo, a interação social e a formação de cidadãos críticos. Através dessa abordagem integrada, a educação se torna mais rica e holística, preparando os alunos não apenas para decifrar palavras, mas para compreender o mundo em sua complexidade. E essa complexidade exige outras perspectivas.

Morais (1997; 1994), um dos pioneiros na pesquisa sobre a relação entre fonologia e alfabetização, investiga como o conhecimento da estrutura sonora das palavras afeta o processo de leitura e escrita. Nisto a percepção é como o conhecimento da estrutura sonora das palavras impacta o processo de leitura e escrita. Logo por isso, vê-se a importância da fonologia como uma peça-chave no desenvolvimento das habilidades linguísticas fundamentais. A fonologia como um fator crítico no processo de alfabetização. Em que se encontram relações entre sons e letras como fator crucial para a aquisição da leitura e escrita.

A visão de Moraes também dialoga com a teoria socioconstrutivista de Vygotsky (1978), que destaca a importância da interação social e da mediação no desenvolvimento da linguagem. E, em Luria (2003) que explora como o ambiente sociocultural influencia a aquisição das habilidades de linguagem, incluindo a fonologia. Assim, é possível inferir que a relação entre a consciência fonológica e o desenvolvimento da leitura, da estrutura sonora das palavras no processo de alfabetização.

A consciência fonológica e o desenvolvimento da leitura, estão alinhados com a perspectiva de Emília Ferreiro (1985; 2017), que enfatizou a construção ativa do conhecimento pelas crianças durante o processo de alfabetização. Nela está o destaque de que as crianças não aprendem passivamente, mas participam ativamente na construção de suas próprias estruturas cognitivas.

Quadro 3 - Princípios inovadores na alfabetização contemporânea e evidências de sucesso

Princípio Inovador	Descrição	Evidências de Sucesso
Abordagem Whole Language	Integração da leitura e escrita em contextos reais	Melhora na compreensão de textos e desenvolvimento da escrita
Enfoque Sociocultural	Valorização da interação e mediação social	Desenvolvimento de competências comunicativas e sociais
Letramento Crítico	Estímulo à análise e reflexão sobre a realidade	Capacidade de pensar criticamente e questionar informações
Contextualização	Incorporação de temas relevantes no ensino	Engajamento dos alunos e aplicação prática do conhecimento

Personalização do Ensino	Atendimento às necessidades individuais	Melhora na aprendizagem e motivação dos alunos
--------------------------	---	--

Fonte: Ferreira; Teberosky (1984); Vygotsky (1978); Luria (2003); Freire (1997). Organizado pela autora (2023)

Sobre o quadro acima, a integração da leitura e escrita em contextos reais permite que os alunos compreendam a relevância das habilidades de leitura e escrita em suas vidas. Isso pode ser observado no aumento da compreensão de textos e na melhora do desenvolvimento da escrita, já que os alunos se envolvem em atividades significativas.

Enquanto a valorização a interação social e a mediação, os alunos têm a oportunidade de desenvolver competências comunicativas e sociais. Evidências de sucesso incluem a melhora nas habilidades de comunicação, colaboração e resolução de problemas, preparando os alunos para interações no mundo real.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento crítico, observa-se que o estímulo à análise e reflexão está que a realidade capacita os alunos a pensar criticamente e questionar informações. Isso é evidenciado pela capacidade dos alunos em abordar textos de maneira crítica, identificando pontos de vista enviesados e analisando informações com discernimento.

A contextualização incorpora temas relevantes no ensino promove o engajamento dos alunos e a aplicação prática do conhecimento adquirido. Isso é evidenciado pelo maior interesse dos alunos em aprender quando os conteúdos estão conectados com suas experiências e interesses.

E a personalização do ensino atende às necessidades individuais dos alunos os leva a uma melhora geral na aprendizagem e na motivação. As evidências incluem melhorias no desempenho acadêmico, maior confiança dos alunos em suas habilidades e maior satisfação com o processo de aprendizado.

Esses princípios na alfabetização contemporânea têm demonstrado impactos positivos em diferentes aspectos do desenvolvimento dos alunos. Eles não apenas facilitam a aquisição de habilidades de leitura e escrita, mas também promovem a formação de indivíduos críticos, comunicativos e socialmente engajados. A personalização do ensino e a contextualização tornam o processo de aprendizagem mais significativo e eficaz, contribuindo para o sucesso dos alunos como leitores e escritores.

No cenário educacional atual, a alfabetização transcende os métodos tradicionais, adotando princípios inovadores que moldam a formação de leitores e escritores competentes.

Abordagens como o Whole Language, o enfoque sociocultural, o letramento crítico, a contextualização e a personalização do ensino oferecem novas perspectivas para o processo de alfabetização. Evidências de sucesso reforçam como a integração da leitura e escrita em contextos reais, a valorização da interação social, a capacidade de análise crítica, a aplicação prática do conhecimento e a atenção às necessidades individuais dos alunos promovem um aprendizado mais significativo e enriquecedor. Ao adotar essas abordagens inovadoras, os educadores capacitam os alunos a se tornarem leitores e escritores hábeis, prontos para enfrentar os desafios de uma sociedade dinâmica e complexa, e contribuem para a construção de um futuro mais consciente e participativo. A compreensão da alfabetização como uma atividade complexa e socialmente se estende além das habilidades técnicas. O processo de alfabetização é permeado por fatores culturais, emocionais, sociais e cognitivos, que moldam a maneira como os indivíduos interagem com a leitura e a escrita.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Luís Carlos. Formação de professores e práticas de leitura e escrita. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.
- ARAÚJO, G. C. Avaliação e construção do conhecimento: articulando razão e emoção. Vozes, 1997.
- ARAÚJO, Maria de Fátima A. Cunha. Leitura: um modelo teórico e (algumas) propostas de uma prática consistente. Millenium, 1997.
- BOGDAN, R., & Biklen, S. K. Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora. 1994.
- BRIGHENTE, Miriam Furlan, and Peri Mesquida. Paulo Freire: Da Denúncia Da Educação Bancária Ao Anúncio De Uma Pedagogia Libertadora." *Proposições* 27.1 (2016): 155-77. Web.
- CAVALCANTI, Maria do C. Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Editora Difel. 1990.
- CRESWELL, J. W. Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches. SAGE Publications. 2013.
- FERREIRO, E. Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas. Editora Artmed. 1985.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização/ Emília Ferreiro. – 26. ed. - São Paulo: Cortez, 2011. – Coleção questões da nossa época: v. 6).

- FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização: Volume 6. Cortez Editora, 2017.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. A Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana; LICHTENSTEIN, Diana Myriam. Psicogênese da língua escrita. Artes Médicas, 1986.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educacional. Editora Paz e Terra. 1996.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra, 1970.
- GERALDI, Wanderney. O texto na Sala de Aula. São Paulo: Ática, 2006.
- KENSKI, V. M. (2003). Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Papyrus Editora.
- KLEIMAN, A. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Editora Contexto. 2000.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. Desvendando os segredos do texto. Cortez Editora, 2018.
- LIBÂNEO, JC Didática. Editora Cortez. 1994.
- LURIA, Aleksandr Romanovich. A construção da mente. Ícone, 1992.
- MORAIS, Artur Gomes. Os desafios da leitura. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico. Educar em Revista, p. 19-36, 2016.
- SILVA ASSUMPCÃO, Fabrício; VENTURA AMORIM DA COSTA SANTOS, Plácida Leopoldina; REGINA ZAFALON, Zaira. O controle de autoridade no domínio bibliográfico: os catálogos digitais. Biblios, n. 68, p. 21-33, 2017.
- SILVA, Maria de Fátima Padilha de Souza. Alfabetização e letramento nos anos iniciais: (re)visitando práticas pedagógicas. 2022. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso ( Licenciatura em Pedagogia) - Instituto Federal do Amapá, Santana, AP, 2022.
- SOARES, M. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Editora Autêntica. 2019).
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros / Magna Soares. P 3. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. 128p.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1. e 2. graus. Cortez, 1995.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, v. 1, 2000.

VIAN JR, Orlando; ROJO, Roxane. Letramento multimodal e ensino de línguas: a Linguística Aplicada e suas epistemologias na cultura das mídias. Raído-Revista do Programa de PósGraduação em Letras da UFGD, v. 14, n. 36, p. 216-232, 2020.

VYGOTSKY, L. S. Mind in society: The development of higher psychological processes. Harvard University Press, 1978.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael. Mind in society: Development of higher psychological processes. Harvard university press, 1978.